

Por Ben Afkhael, em memória das almas que passam despercebidas  
Dedicado ao rei Plendor, meu amigo.

Entre as muitas figuras que cruzaram meus estudos sobre os povos de Uriath, existe uma que permanece envolta em silêncio e mistério: Mikhael, o Observador. Há quem diga que é um homem comum, outros dizem tratar-se de um espírito errante, um antigo ser aprisionado na Terra por algum crime desconhecido ou missão divina. Não sente fome, sede, sono ou medo — apenas observa. Nada o distrai. Nada o move senão o ato eterno de presenciar o mundo em sua forma mais crua.

Mikhael caminha pelas ruas das cidades dos homens como uma sombra. Nunca intervém, jamais fala, nem mesmo reage — apenas presencia tudo. É como se a ele fosse negado o direito de escolher. Enquanto nós, criaturas de carne, temos o dom da decisão, Mikhael só possui o fardo do testemunho.

Em minhas muitas andanças, tive a rara chance de segui-lo por um ciclo solar. Compartilho aqui alguns dos episódios mais marcantes de sua jornada.

### A Menina Perdida

Não caminhamos muito naquela manhã quando Mikhael parou. Seus olhos se fixaram do outro lado da viela. Lá, uma pequena garota de cabelos dourados, perdida entre as multidões apressadas, girava o rosto em busca de alguma direção. Em tempos antigos, talvez alguém notasse sua angústia. Hoje, os passos são rápidos demais para notar quem precisa de ajuda.

Mikhael a observava em silêncio. Algo em sua postura denunciava inquietação.

Um homem se aproximou da garota. Ajoelhou-se, sorriu e falou algo — talvez perguntou pelos pais. Olhava em volta, como se procurasse alguém. Aparentava ser um gesto nobre... mas Mikhael permanecia tenso. Algo não estava certo.

A menina recuou. Foi o bastante para que o homem, em um movimento súbito, a tomasse nos braços e partisse às pressas. Ninguém notou.

Na esquina, uma mulher caiu de joelhos. Seus olhos se perderam no vazio: era a mãe. Ela nunca mais verá sua filha.

Mikhael já havia retomado o passo. E eu, relutante, o segui.

## Sangue nos Pés

Entre as incontáveis imagens que Mikhael registra, poucas o fazem parar por tanto tempo como nesta ocasião. A rua era estreita, e uma casa mal iluminada exalava algo... sombrio. De dentro, gritos abafados escapavam. Mikhael não ouve sons — mas vê sombras.

Eram duas figuras na janela, por trás de uma cortina cinzenta. Um homem golpeava outra figura com violência. A cena exigia atenção cirúrgica, pois qualquer desatenção faria com que ela passasse despercebida ao comum dos olhos.

A porta da casa, misteriosamente, estava entreaberta. Mikhael não a abriu — ele apenas estava lá, dentro.

Logo à frente, na entrada da cozinha, encontrava-se um menino. O nome, descobri depois, era Lucan. Tinha apenas oito invernos e um olhar que jamais esquecerei. Estava paralisado, não por escolha, mas por medo. Seus pés estavam molhados em sangue — não o dele, mas o que jorrava na cozinha.

Ali, sobre o chão, jazia o pai, exausto, marcado pelas labutas de longas jornadas e pela ausência de amor. Sobre ele, de pé, a mãe, com uma lâmina na mão, os olhos perdidos entre a dor e a insanidade. Ela gritava, talvez tentando se justificar. Alegava não ser aquilo que era. Um bom magíster diria que ela sofria da mente, e que não podia ser culpada. Mas a lâmina não compreende tais justificações.

O pai já não terá mais preocupações. E o pequeno Lucan jamais terá noites em paz.

Mikhael não reagiu. Já vira isso antes. Muitas vezes.

## A Mão Estendida

O dia seguia em sua marcha inexorável, e as nuvens carregadas anunciavam a chegada da chuva. O ar tornou-se denso, o chão escorregadio. As pessoas corriam para se proteger. Mikhael, como sempre, caminhava inalterado — não precisava de abrigo, nem de capa.

Um som seco cortou o ar: uma carruagem desgovernada se chocou com uma parede. Ninguém se feriu, mas o estrondo espalhou pânico. No caos que se seguiu, Mikhael foi empurrado e caiu ao chão.

Não ousei ajudá-lo. Aprendi com ele que às vezes o mais difícil é apenas ver.

Um homem sujo, de roupas rasgadas e mãos trêmulas, estava no beco à direita. Era um dos que o povo ignora — um sem-nome, sem lar, alguém que a sociedade preferia esquecer. E foi ele quem se aproximou de Mikhael.

Estendeu a mão.

Mikhael não a segurou. Mas eu me lembro. Eu vi. E se algum dia me perguntarem se existe esperança entre os escombros da decadência, direi: sim, ela existe. E tem mãos sujas, mas firmes.

Infelizmente, a esperança muitas vezes é odiada.

Logo surgiram outros homens. Fortes, bem vestidos, furiosos. Não aceitaram que alguém “fora da ordem” ousasse um gesto de bondade. Espancaram o homem até que não se movesse mais. Ninguém interveio. Ninguém jamais intervém.

Era apenas um indigente, diriam. E isso basta para que sua vida seja esquecida.

Mikhael também não fez nada. Ele não pode. Não deve. E, talvez, por isso mesmo, seja tão importante.

Mikhael continuou seu caminho, e eu soube que era hora de deixá-lo. A noite chegava, e algumas visões não devem ser compartilhadas, mesmo entre cronistas.

Assim encerro este relato, não como uma conclusão, mas como um fragmento entre muitos. Mikhael, o Observador, ainda caminha entre nós, vendo tudo aquilo que preferimos esquecer.

E é por isso que sua história deve ser contada.